

Tempo para pensar

e pensar sobre o tempo



Relato por José Luis Debellis, Investigador e Docente de Logosofia.

**LA CARA
BUENA**
DEL MUNDO

| *Actualizado 15/10/2025* |

A partir de uma experiência ocorrida em minha casa, pude fazer várias reflexões sobre a importância do tempo para poder pensar e aproveitá-lo inteligentemente.

Precisávamos de podar uma árvore alta e vários arbustos em redor da nossa casa de veraneio. Pedimos a alguém que viesse fazer um orçamento para o trabalho. A pessoa que veio andou pelo jardim e quintal. Vários arbustos nativos cresciam ali. Depois de os observar, aproximou-se da árvore e sugeriu a melhor forma de fazer o trabalho.

A dado momento da conversa, quando lhe perguntámos quanto custaria o seu trabalho, manteve-se em silêncio em vez de responder.

O homem pegou num pequeno maço e dele tirou uma folha de papel e um pouco de tabaco. Fiquei surpreso. Há muito tempo que não via alguém enrolar um cigarro com aqueles elementos. Silenciosamente e com cuidado, terminou de enrolar o cigarro e acendeu-o sem pressas.

Só depois de várias passas é que respondeu à nossa pergunta.

Este recurso deu-lhe algum tempo para pensar com mais cuidado sobre o valor que nos iria pedir pelo trabalho. Finalmente, este estava dentro dos nossos cálculos, pelo que acordámos que ele faria as podas.

O episódio levou-me a pensar naquelas circunstâncias que surgem quando precisamos de responder a algo e não temos muito tempo para pensar; seja uma oferta de um produto, ou algo que nos afeta pessoalmente, às nossas finanças, à nossa família ou aos nossos relacionamentos.

Como resultado, coloquei-me várias questões: Que recursos utilizo para gerar tempo antes de responder? E quanto tempo me permito pensar para encontrar a resposta mais adequada? Utilizo sempre os mesmos recursos para pensar, ou gerei vários, ou nenhum?

O certo é que pensar — **pensar bem** — resolve muitos problemas que surgem por não pensar, ou por o fazer incorretamente ou à pressa. Sendo assim, vale a pena perguntar-se: Me interessa pensar bem? Faço algum exercício para melhorar a minha reflexão, a minha capacidade de observar e pensar?

Quando se trata do físico, em geral, procuramos cuidar dele. Praticar um desporto, nadar, ir ao ginásio ou fazer pilates — ou ainda tudo isto e muito mais. De um modo geral, se formos constantes nestas atividades físicas, vemos os resultados: sentirmo-nos mais ágeis, mais saudáveis.

Portanto, **é lógico pensar que também podemos fazer exercícios que melhorem a atividade das nossas faculdades de pensar, observar, raciocinar, etc.**, e que isso também seria útil para a vida em termos de si mesmo, de se sentir melhor, de ter um melhor desempenho, em comparação com quando não fazemos esse exercício. Não para competir com os outros, mas sim quando responde a uma comparação consigo mesmo, para o crescimento pessoal e espiritual.

Paralelamente à geração destes recursos, precisamos também de pensar sobre o tempo.

Ou seja, não no tempo independente da vida, mas com a consciência de que o tempo é a própria vida. A vida é o tempo que temos pela frente, ou seja, o nosso futuro, e também o nosso passado e presente.

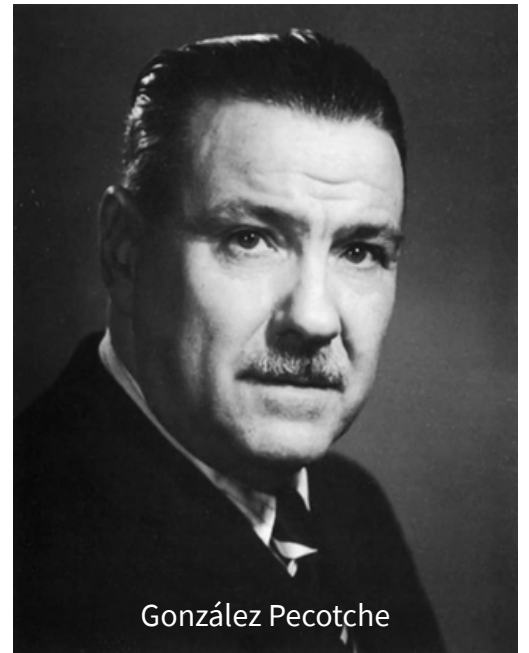
O pensador e escritor argentino **Carlos B. González Pecotche** ensina num dos seus muitos livros:

“...há de saber-se que o tempo pressiona quando é desaproveitado, e que isto ocorre quando não se pensa.”

Do livro Curso de Iniciação Logosófica.

Em que devemos pensar?

O autor citado acrescenta:



González Pecotche

“Em tudo quanto direta ou indiretamente conspire contra o auspicioso propósito de aperfeiçoamento integral. São, pois, os inconvenientes e problemas cotidianos – tanto os do âmbito familiar como os do trabalho ou da profissão, ou os do próprio mundo interno – os insaciáveis devoradores de tempo.”

Um facto que podemos verificar é quando ocorre um acontecimento inesperado que nos prejudica a nós ou a pessoas próximas, e gera a consequente preocupação. Salvo raras exceções, para a maioria de nós, esta preocupação estará nas nossas mentes, indo e vindo, até encontrarmos uma solução. Durante este tempo, não damos a devida atenção a outros assuntos que também a exigem. Quando o evento é de certa gravidade, é comum que a pessoa fique tão envolvida nas suas preocupações que se distraia, fique desatenta e responda de modo automático, o que muitas vezes gera danos e novas preocupações às que já temos.

Mas o exercício que referimos anteriormente pode ser feito em tempos de prosperidade e aproveitar esses fragmentos de vida, adiantando-se ao tempo. Ou seja: não deixar para amanhã o desenvolvimento da capacidade de resolver os problemas, tendo ganho uma parcela desse tempo.

Trata-se, então, de que, da mesma forma que dedicamos parte da nossa atenção e tempo a cuidar de tudo o que contribui para o nosso bem-estar físico e material, também podemos dedicar outra parcela ao que seria **outro tipo de exercício, porém mental e sensível**. Assim como fortalecemos o corpo, ao fortalecer a sensibilidade e a mente conseguimos uma harmonia mais completa para **nosso ser bio-psíquico-espiritual**.

Neste sentido, González Pecotche, que fez do seu pensamento uma Escola, sugere que se inicie um processo gradual de aperfeiçoamento consciente, a que chamou **Processo de Evolução Consciente**. Este processo, no entanto, não é considerado apenas um benefício pessoal; mesmo sendo individual, tem projeções transcendentais para o coletivo, ao ajudar os outros a melhorarem-se, com especial ênfase na boa gestão do tempo.

A este respeito, observa noutra das suas obras:

*"A administração do tempo é fator preponderante na vida. É preciso ganhá-lo como o pão; e **ele é ganho quando se vive conscientemente**. Viver assim é manter, em tudo o que se faz, uma permanente atenção."*

Do livro Exegese Logosófica.

Pensar bem é viver melhor.

Se aprendermos a fazê-lo com consciência, não só resolveremos com maior acerto os desafios cotidianos, como também cultivaremos uma vida mais consciente e livre, na qual o tempo deixa de ser apenas uma medida externa e passa a ser parte essencial da nossa vida interna.



Sobre o autor: José Luís Debellis, investigador e docente de Logosofia há mais de 50 anos; professor do ensino básico; e editor e diretor da revista "En Clase"*.

*Uma publicação educativa publicada no Uruguai de 1984 a 1986.